

## EDUCAÇÃO DECOLONIAL: práticas pedagógicas possíveis no cotidiano escolar

*Decolonial education: possible pedagogical practices in everyday school life*

Cristiane Dias Gonçalves Paula<sup>1</sup>  
Viviane dos Reis Soares<sup>2</sup>  
Francisco Evangelista<sup>3</sup>

**Resumo:** O artigo "Educação Decolonial: Práticas Pedagógicas Possíveis no Cotidiano Escolar" aborda a influência da herança colonial na educação brasileira e como ela desvaloriza saberes e identidades diversas. Com base na pedagogia da educação popular e de Paulo Freire, o estudo propõe práticas decoloniais para desafiar essas estruturas opressivas e promover uma educação mais inclusiva e crítica. A metodologia utilizou análise qualitativa de práticas pedagógicas e destacou projetos como "Retratos do Cotidiano" e "Conectando Gerações", que incentivam trocas de experiências e ampliam a consciência crítica dos estudantes. Os resultados mostram uma mudança positiva na percepção dos alunos sobre as oportunidades acadêmicas e profissionais, reforçando a importância de uma educação transformadora.

<sup>1</sup> Doutoranda no Programa PPGEdUcs pela Universidade do Vale do Sapucaí. Mestra em Letras -Língua e Linguagem - Profletras – pela UFMG. E-mail:

[cristiane.paula@educacao.mg.gov.br](mailto:cristiane.paula@educacao.mg.gov.br) / <http://lattes.cnpq.br/0524923015148336>

<sup>2</sup> Doutoranda em educação no Programa PPGEdUcs pela Universidade do Vale do Sapucaí Mestra em História pela UFSJ [vivireissoares@gmail.com](mailto:vivreissoares@gmail.com) /<http://lattes.cnpq.br/4653508443303756>

<sup>3</sup> Doutor em Educação pela PUC/SP. Professor Permanente do PPGEDUcs - Programa de Pós-Graduação em Educação, Conhecimento e Sociedade - Mestrado/Doutorado – UNIVAS.E-mail: [franciscoe@univas.edu.br](mailto:franciscoe@univas.edu.br) / <http://lattes.cnpq.br/3365546609543722>

**Palavras-chave:** Educação decolonial; Práticas pedagógicas; Trocas de experiências; Consciência crítica.

**Abstract:** The article "Decolonial Education: Possible Pedagogical Practices in Everyday School Life" addresses the influence of colonial heritage on Brazilian education and how it devalues diverse knowledge and identities. Based on popular education pedagogy and Paulo Freire's work, the study proposes decolonial practices to challenge these oppressive structures and promote a more inclusive and critical education. The methodology used qualitative analysis of pedagogical practices and highlighted projects such as "Everyday Portraits" and "Connecting Generations," which encourage the exchange of experiences and broaden students' critical awareness. The results show a positive shift in students' perceptions of academic and professional opportunities, reinforcing the importance of transformative education.

**Keywords:** Decolonial education, Pedagogical practices, Experience exchange, Critical awareness

## INTRODUÇÃO

A escola brasileira carrega a herança de nosso passado colonial, que impôs a cultura e o conhecimento de povos dominantes a identidades que se expressavam de forma distinta e, por isso, não eram reconhecidas como legítimas. Sob essa perspectiva, a atuação da escola muitas vezes resultou na destruição de culturas e saberes, revelando a violência dessa instituição. Em Pedagogia do Oprimido, Paulo Freire denuncia tal realidade ao criticar as formas de opressão que moldam a educação. Freire vê o colonialismo como uma força que perpetua a dominação cultural, política e econômica, impondo

uma visão de mundo que subordina os povos colonizados e suas culturas.

Em 1989, Aníbal Quijano criou o termo 'colonialidade' para denunciar que a dominação presente nos sistemas coloniais perdura mesmo com o fim das colônias. Para ele, os padrões de poder, de saber e de ser são impostos pela lógica europeia, capitalista, 'nortecentrada'. Assim como Freire, Quijano propõe o rompimento com esta colonialidade, apontando para uma perspectiva decolonial, que se encontra com a educação como prática da liberdade, revelando que outra educação é possível.

Essa análise busca avaliar como essas práticas desafiam as estruturas coloniais remanescentes e promovem uma educação mais igualitária e justa, contribuindo para a construção de uma escola que reconheça e valorize as identidades e os saberes plurais, rompendo com a lógica opressora imposta pela herança colonial.

Este artigo tem como objetivo discutir a educação decolonial, fundamentada teoricamente na pedagogia da educação popular e na educação para a liberdade. Visa também explorar como o legado colonial impacta a estrutura e as práticas educacionais nas escolas brasileiras, perpetuando padrões de poder, saber e identidade fundamentados na lógica do colonizador.

Além disso, serão apresentadas e analisadas duas práticas decoloniais aplicadas nos componentes curriculares de História e Língua Portuguesa. Por fim, será discutido como a implementação dessas práticas pode contribuir para a construção de uma educação que reconheça e valorize a diversidade cultural, promovendo a liberdade e a justiça social.

## 1. REVISÃO DE LITERATURA

Ler criticamente o mundo é um ato político-pedagógico; é inseparável do pedagógico-político, ou seja, da ação política que envolve a organização de grupos e de classes populares para intervir na reinvenção da sociedade.

Paulo Freire

A educação, como ferramenta fundamental de formação e transformação social, tem sido historicamente moldada por perspectivas eurocêntricas que sustentam desigualdades e exclusões. Entretanto, as práticas decoloniais se apresentam como uma perspectiva crítica e transformadora, buscando desconstruir essas estruturas repressivas e valorizar os conhecimentos e experiências dos segmentos socialmente marginalizados.

Este estudo apresenta e analisa exemplos de práticas decoloniais na educação, esmiuçando como elas confrontam as narrativas dominantes e promovem práticas pedagógicas inclusivas, equitativas e reflexivas. Como forma de demonstrar o potencial dessas práticas, ancoramo-nos em pesquisadores e estudiosos que muito contribuem para o estado da arte no campo pedagógico e social como Paulo Freire, Catherine Walsh, Luiz F. de Oliveira e Vera Maria Candau.

### 1.1 Por uma educação que liberta e valoriza a vida

“A consciência crítica (... dizem...) é anárquica.” Ao que outros acrescentam: Não poderá a consciência crítica conduzir à desordem”? Há, contudo, os que também dizem: “Por que negar? Eu temia a liberdade. Já não a temo”!

Paulo Freire

Paulo Freire em “Pedagogia do oprimido” (1987), ao utilizar a metáfora introduzida pela palavra “parto” explica que, no que diz

respeito ao homem se libertar das amarras do pensamento colonial que lhe é imposto, é preciso que passe por uma espécie de renascimento, uma vez que a libertação é um processo de nascimento, e é doloroso. O indivíduo que emerge desse processo é um ser transformado, e isso só se torna plenamente possível através da superação da contradição entre opressores e oprimidos, representando a liberdade para todos.

Freire (1987) identifica a "consciência oprimida" como um resultado do colonialismo, onde os oprimidos internalizam a visão de mundo do opressor, aceitando a sua condição de inferioridade e, muitas vezes, tentando imitar o opressor na esperança de ascender socialmente. Esse processo perpetua a opressão, pois os oprimidos, ao tentar se conformar às normas dos opressores, acabam por reforçar as estruturas coloniais.

Diante desses entendimentos, Freire propõe que a superação do colonialismo na educação requer uma pedagogia emancipadora, que promova a consciência crítica e a capacidade de ação dos oprimidos, permitindo que eles se tornem protagonistas de sua própria história e cultura.

Nesse sentido, atentemos para as contribuições de Frantz Fanon ao pensamento libertador de Freire. Fanon, realizou em suas obras estudos sobre a violência nos processos de colonização e decolonização tendo contribuído de forma contundente para os questionamentos do lugar do negro frente aos brancos colonizadores.

O autor, em sua obra *Os Condenados da Terra* (1961), argumenta que a colonização não apenas explora economicamente os povos colonizados, mas também desumaniza e aliena esses indivíduos, impondo uma cultura e valores externos que destroem a identidade dos colonizados.

É sabido que, antes de publicar sua obra “Pedagogia do Oprimido”, Paulo Freire realizou a leitura da obra “Condenados da terra”, tendo afirmado ser essa leitura uma motivação para a revisão de seu livro antes da publicação. Em pedagogia da Autonomia, Freire reafirma a influência de Fanon em sua obra, apontando para isso o fato de apresentar nesta obra a visão dos condenados da terra, dos excluídos.

Ao tratar do processo de alienação, Fanon aponta que “na realidade, o colonizado vive constantemente em conflito com o seu próprio eu que é desdobrado, fragmentado e contraditório.” (Fanon, 1961, p. 14). A imposição de um padrão de cultura, modos de vida, beleza e economia coloca em questão a diversidade e promove a fragilidade diante do não reconhecimento ou não pertencimento a esse padrão dito dominante.

Essa fragmentação a qual Fanon faz menção, amplamente vivenciada por nossos estudantes, é um importante ponto de reflexão. Por isso, compreende-se que os processos educacionais são um potente meio de fortalecimento dos cidadãos envolvendo uma dinâmica que abarca o conhecimento, a reflexão e o questionamento da realidade política, econômica, educacional e social em que estão inseridos. Nesse sentido, uma educação decolonial deve possibilitar problematizações e promover entendimentos emancipatórios.

Para o autor, ao utilizar-se da experiência vivida como aprimoramento humano, “o homem colonizado que escreve para seu povo deve, quando utiliza o passado, fazê-lo com o propósito de abrir o futuro, convidar à ação, fundar a esperança” (Fanon, 1968, p. 193). Entendemos aqui uma proposição de pensamento libertário, pois promove reflexão e ação e é nessa mesma direção que este artigo caminha ao apresentar e analisar práticas pedagógicas que visam

desconstruir as hierarquias coloniais e estimular a conscientização crítica.

## 1.2 Práticas metodológicas decoloniais: uma necessidade educacional

O grande papel do professor é ser um promotor da reflexão. [...] É o papel de um poema, de uma história, onde não se trata de interpretar, mas funciona como um gatilho evocador da voz interior que provoca a reflexão.  
Parker J. Palmer

Construir propostas pedagógicas que promovam a valorização do outro e o senso de pertencimento ao mundo que o cerca é desafio constante para o docente e, conseqüentemente, requer a busca por conhecimento. Seja pelas leituras que faz, pelo conhecimento empírico, pela observação dos fatos e do outro, enfim, é tarefa contínua e diária. Nesse sentido, Victor Diaz Esteves, em sua tese de doutorado, reflete a necessidade de revisar o nosso papel enquanto educador, constatando que:

Meu papel na escola é apenas ministrar conteúdos, hoje declaro minha ruptura, percebo que estive todo esse tempo doutrinando e não educando, a educação está em todo lugar, a educação pode ser encontrada em qualquer ação do nosso cotidiano. (Díaz, 2020, p. 288-289).

No que tange às questões pedagógicas e à colonialidade da educação ainda predominante no século XXI, reconhecemos a importância dos estudos e contribuições de Catherine Walsh (2009). Ela expõe que atitudes decoloniais para a pedagogia implicam na busca de confrontar e dismantelar as estruturas sociais, políticas e epistêmicas da colonialidade que permanecem e são alimentadas por normas de poder alicerçadas na racialização e no saber eurocêntrico, que desvaloriza certos grupos, percebidos como menos humanos.

Ademais, destacamos o que reverberam Catherine Walsh, Luiz F. de Oliveira e Vera Maria Candau (2018) no texto “Colonialidade e Pedagogia Decolonial: Para Pensar uma Educação Outra”. Esses autores apontam que necessitamos de uma pedagogia que transcenda os sistemas educacionais tradicionais, incorporando conhecimentos marginalizados pelo colonialismo, dialogando com experiências críticas e políticas dos movimentos sociais e enraizando-se nas lutas dos povos colonizados, sendo concebida a partir das próprias vivências na sociedade atual.

A autora Catherine Walsh em seu texto *Pedagogías decoloniales caminando y preguntando: Notas a Paulo Freire desde Abya Yala*, estabelecendo um diálogo com o autor Paulo Freire e sua obra, apresenta a seguinte explicação sobre o que a fez caminhar rumo a decolonialidade das práticas pedagógicas

Minha intenção, por outro lado, foi te contar sobre os caminhos que escolhi e os trajetos que percorri perguntando e caminhando. Mas também quis submeter à consideração - contigo e com os leitores aqui - as pedagogias decoloniais como ações que promovem e provocam a fissuração e o rompimento da ordem moderna/colonial, aquelas que tornam possível e sustentam um modo muito diferente de estar no e com o mundo. (Walsh, 2014, p. 27) (tradução nossa).

É imprescindível pensar e agir em prol de uma educação que oportunize a todos os estudantes, principalmente aqueles que, por razões étnicas, sociais e econômicas, são colocados à margem do processo educacional, distanciados e distinguidos por atitudes colonialistas que prevalecem na maioria das instituições educacionais. É necessário vivenciar práticas inclusivas e reflexivas de educação que promovam o conhecimento em sua total acepção de sentido.

Assim, entendemos que, o surgimento de práticas pedagógicas que priorizam o humano, as relações interpessoais e as reflexões suscitadas a partir do contato de grupos populacionais distintos, valorizando diferenças culturais e de origem, representam a materialização do sonho de uma sociedade igualitária (Freire, 1987).

As práticas educativas que consideram decolonialidade visam reconfigurar as estruturas tradicionais da educação brasileira, que historicamente perpetuam a marginalização de vozes subalternizadas. Ao priorizar o ouvir e conceder espaço de fala àqueles que são sistematicamente excluídos pelo viés colonial, essas práticas desafiam as narrativas dominantes e buscam promover uma educação mais inclusiva e equitativa.

Essa perspectiva se manifesta nas contribuições de Nilma Lino Gomes, em seu texto *Relações étnico-raciais, educação e descolonização dos currículos*, ao afirmar que é preciso estabelecer um diálogo entre essas vozes,

a fala pautada no diálogo intercultural. E não é qualquer diálogo intercultural. É aquele que se propõe ser emancipatório no interior da escola, ou seja, que pressupõe e considera a existência de um 'outro', conquanto sujeito ativo e concreto, com quem se fala e de quem se fala. E nesse sentido, incorpora conflitos, tensões e divergências (Gomes, 2012, p. 105).

De acordo com Gomes (2012), o diálogo confere reconhecimento e valorização das experiências e saberes de grupos historicamente marginalizados. Nesse sentido, perspectivas decoloniais além de contestar a hegemonia eurocêntrica, também contribuem para a construção de um ambiente educacional que respeita a diversidade e a pluralidade de pontos de vista.

Orlando Fals Borda, já em (1970) denunciou o colonialismo intelectual e o eurocentrismo, evidenciando como essas práticas,

presentes nas academias da América Latina, silenciaram a realidade local e inferiorizaram os intelectuais da região. Paulo Freire (1978) defendeu a "descolonização das mentes" e a "reafricanização das mentalidades". Ambos os autores propiciaram inúmeras possibilidades para que outros seguissem nessa empreitada contra uma educação opressora e elitizada, a favor de uma pedagogia decolonial.

Nesse contexto, acreditamos que uma das heranças dos pesquisadores Paulo Freire (1987) e Orlando Fals Borda (1979) para uma educação decolonial é o ensinamento de que a educação, para ser significativa e eficaz, deve estar "intrinsecamente" conectada às condições de vida dos grupos oprimidos, bem como ao seu contexto local, nacional e global.

Por conseguinte, é essencial destacar o papel do educador em sua prática diária, onde ele deve buscar constantemente alternativas que se oponham à educação e aos conteúdos uniformizadores. O educador não deve se limitar a transmitir conhecimento; ele também precisa atuar como um agente questionador, inspirando e encorajando seus alunos a desenvolverem o pensamento crítico e a confrontarem as verdades absolutas impostas.

Ao adotar essa postura, o educador contribui para a criação de um ambiente que valoriza a diversidade de perspectivas, promovendo um aprendizado mais consciente e significativo, alinhado à realidade do estudante. Conforme defendido por Carl Ransom Rogers e Gerald Milton Kinget (1977), trata-se de um aprendizado mais relevante e efetivo, que promove o desenvolvimento de habilidades que possibilitam a participação ativa dos alunos nos processos educativos.

## 2. METODOLOGIA

A descolonização que se propõe mudar a ordem do mundo é... um programa de desordem absoluta.... Um processo histórico... feito por homens novos, uma nova linguagem, uma nova humanidade.  
Frantz Fanon

As práticas pedagógicas aqui apresentadas buscam promover a aprendizagem por meio de atividades que estimulam a troca de experiências e o confronto entre as diferentes realidades em que os estudantes estão inseridos. A análise dessas práticas privilegia uma abordagem qualitativa partindo de critérios para avaliar, em que medida, essas práticas promovem uma educação decolonial e contribuem para o entendimento desses jovens, de seu papel enquanto agentes da mudança.

Inicialmente, foi realizada uma investigação documental com ênfase na análise dos projetos e das atividades decorrentes deles, objetivando evidenciar, nessas práticas, as intencionalidades e o embasamento teórico-metodológico que favorecem uma pedagogia decolonial.

Para isso, nos ancoramos nas contribuições de Bernardino-Costa e Grosfoguel (2016) ao afirmarem que a decolonialidade vai além de ser uma iniciativa acadêmica; ela é uma prática de resistência e ação contestatória, que desafia binarismos e promove uma pluralidade de conhecimentos.

Também nessa direção, definem Rogers & Kinget(1977), a figura do educador na construção do conhecimento. Para eles, a função do professor é a de facilitar o desenvolvimento do conhecimento, sem que isso diminua sua importância ou relevância. Seu papel é essencial para criar condições propícias ao desenvolvimento, estimulando e orientando as experiências tanto no ambiente escolar quanto fora dele.

Dando continuidade à análise proposta neste estudo, realiza-se uma pesquisa interpretativista das ações desenvolvidas ao longo dos projetos, e dos resultados obtidos questionando como as relações de poder e a subordinação epistêmica moldam as práticas educacionais em nossa sociedade. Além disso, essa análise busca compreender, a partir das narrativas dos estudantes partícipes, a percepção sobre os espaços que ocupam na sociedade e as possibilidades de transformação do seu papel social nesses espaços.

Esse artigo nos permite avaliar de que maneira as práticas decoloniais são capazes de fomentar um maior entendimento dos estudantes sobre as estruturas políticas, econômicas e sociais que moldam a nossa realidade e que muitas vezes estão nas mãos de um pequeno grupo privilegiado, mas que podem e devem estar acessíveis à participação de todos.

### **3. REFLETINDO A PRÁTICA: APONTANDO DIFERENTES OLHARES**

As práticas aqui analisadas trazem informações importantes sobre como a educação decolonial pode ser realizada no dia a dia escolar, em atividades aparentemente simples, mas que carregam intencionalidades. Essas práticas têm objetivos claros e que visam diminuir a distância entre as diferentes realidades dos alunos em prol de uma aprendizagem mais homogênea e significativa.

#### **3.1 Práticas pedagógicas de caráter decolonial: o lugar de reflexão**

A primeira prática refere-se à produção textual do gênero crônica, estudado previamente nas aulas de Língua Portuguesa, no Projeto "Retratos do Cotidiano" e que foi implementado com os

alunos do 1º ano do Ensino Médio na Escola Estadual Prof.ª Ilma de Lana E. Caldeira, localizada em uma cidade do interior de Minas Gerais.

O objetivo do projeto foi desenvolver as habilidades de leitura e escrita dos estudantes por meio do estudo do gênero textual crônica, com foco na identificação de seus aspectos estruturais, reflexivos e argumentativos. Além disso, buscou-se explorar o potencial do gênero crônica como um veículo de informação, produção de conhecimento e propagação cultural.

A metodologia do projeto abordou discussões sobre as características do gênero crônica. Os alunos assistiram a um vídeo baseado no texto "A Última Crônica", de Fernando Sabino, seguido de uma revisão das características desse gênero textual. A atividade incluiu leitura do texto e uma roda de conversa para explorar interpretações.

Os alunos leram diversas crônicas, estudaram sua estrutura e função sociocomunicativa. As atividades abrangeram etapas como estímulo, leitura, reflexão e produção de texto. Durante o projeto, os alunos analisaram uma sequência de imagens representando situações cotidianas e reflexivas, como pessoas em diferentes contextos sociais e culturais. A análise dessas imagens incentivou a reflexão crítica sobre realidades frequentemente banalizadas e a conscientização sobre o papel político de cada um.

Como culminação, os alunos escolheram uma imagem e, em duplas, escreveram uma crônica. A atividade de produção exigiu a inclusão dos elementos característicos do gênero e uma reflexão sobre o cotidiano. O produto final, foi a produção de um caderno de crônicas, que compilou todas as produções textuais dos alunos, consolidando o aprendizado e o desenvolvimento das competências trabalhadas.

A segunda prática analisada foi desenvolvida no componente curricular História e trata-se de um projeto em que as narrativas autobiográficas de ex-alunos foram compartilhadas em rodas de conversa realizadas na escola, por meio de diálogos mediados pelos próprios estudantes matriculados.

O projeto surgiu a partir de uma provocação feita por um estudante do 9º ano, que afirmou diante dos colegas que "quem estuda na escola Walfrido não dá gente". Essa fala, que revela um estereótipo externamente imposto à Escola Municipal Walfrido Silvino dos Mares Guia, localizada em uma região periférica da cidade de Oliveira MG, mostra a internalização desse estigma pelos próprios estudantes. Diante desse contexto, o projeto foi desenvolvido com o objetivo de investigar e documentar as trajetórias de ex-alunos da escola buscando inspirar e orientar os alunos atuais.

A iniciativa visou a valorização das histórias dos ex-alunos para a desconstrução de estigmas e preconceitos associados à instituição. Confrontou histórias diversas sobre a realidade de ex-estudantes cujas trajetórias se revelaram numa insubmissão ao projeto de futuro que, muitas vezes, a sociedade desenha para eles fatalmente relacionado ao envolvimento com drogas, gravidez prematura, violência, subemprego e morte.

A metodologia adotada envolveu a realização de entrevistas autobiográficas com ex-estudantes, a coleta e análise qualitativa de dados socioeconômicos, análise interpretativa das narrativas dos ex-alunos e dos alunos atuais e realização de rodas de conversa para partilha das histórias e demais aprendizados ao longo da pesquisa.

O diálogo com jovens da mesma comunidade, com os quais os alunos convivem e se encontram no dia a dia, mostrou-se de grande

relevância para o projeto. Esse processo de identificação com as histórias e vivências de pessoas próximas, que enfrentaram desafios semelhantes e alcançaram de diferentes formas a realização pessoal e profissional, expandiu as perspectivas dos alunos sobre o mercado de trabalho e as suas próprias possibilidades de realização e transformação pessoal.

### **3.2 Práticas Pedagógicas: Resultados e Discussão**

Esta seção apresenta um exemplo de cada prática decolonial aqui estudada. Em seguida, aponta os resultados obtidos em sala de aula mediante a participação dos alunos e discute sobre elementos e características pedagógicas educativas que visam abordagens de aspecto decolonial presentes nessas práticas.

#### **3.2.1 Projeto Retratos do Cotidiano**

Aos estudantes foram apresentadas imagens que representavam diversas situações cotidianas, desde um casal tomando café da manhã juntos, pessoas lidando com o trabalho no campo, professores em sala de aula, o nascimento de um bebê, o cantar de um passarinho, crianças brincando na rua, até situações que demandam maior reflexão como um morador de rua negro acompanhado de seu cão.

A partir da análise e reflexão a respeito dessas imagens os estudantes foram incentivados a confrontar seus conhecimentos e expor os sentimentos provocados pelas cenas. Esse confronto possibilitou um deslocamento do sujeito diante de realidades comumente banalizadas permitindo a conscientização do lugar político

de todos diante do cenário como defendido por Paulo Freire em *Pedagogia do Oprimido*.

Em seguida, os alunos escolheram uma imagem e em duplas escreveram uma crônica. A atividade de produção da crônica apontava para a necessidade de que eles apresentassem elementos que caracterizassem o texto como crônica e que trouxessem uma reflexão relacionada ao nosso cotidiano.

Na sequência, apresenta-se dois textos produzidos por alunos do 1º ano do Ensino Médio como produção final do Projeto “Retratos do Cotidiano”, um trabalho com o gênero textual “ crônica”, apresentado aqui nas seções anteriores.

### **Texto 1**

#### **Amizade verdadeira**

Certo dia, enquanto fazia minha caminhada bem cedinho, observei no canto da calçada uma cena que me chamou a atenção e me prendeu em um longo período de reflexão. Um homem e um cachorro deitados no canto de uma calçada, nesse dia fazia muito frio e os dois permaneciam juntinhos dividindo um único humilde cobertor.

A paciência, amor e carinho que aquele homem tinha pelo seu cachorro me encantou, comoveu e me prendeu por um longo período de reflexão, mostra o verdadeiro significado de amizade verdadeira.

Como é precioso e enriquecedor, ter por perto pessoas boas, amizades verdadeiras, que mesmo com dificuldades sempre permanecem juntas e não se separam por nada, pois sempre tem fidelidade um pelo outro independentemente da situação.

### **Texto 2**

#### **Um dia não tão comum**

Era bem cedo, 5:57 da manhã, já estava na rua indo para o trabalho, estava com pressa e meio atrasada. Havia muitas pessoas na calçada falando alto e barulhos de carros e buzinas. Chegando perto do trabalho, do outro lado da rua, avistei um morador de rua e um cachorro deitados na calçada aquecendo um no outro. Olhei muito rápido a cena, mas percebi que as pessoas sempre olhavam para eles com um olhar de desprezo, pena e se desviavam deles. Essa cena não saiu da minha cabeça, só fiquei pensando no morador de rua e no cachorro. Refletindo como eles cooperavam um com o outro e faziam companhia um para o outro. Eles, mesmo na situação em que se encontravam, ajudavam-se. Quantas pessoas reclamam da vida que têm, problemas simples do dia a dia!

Apresentada por Freire (1987), a leitura de mundo é o ponto de partida para a construção de um conhecimento libertador, onde o educando se torna sujeito ativo de sua própria aprendizagem e de sua própria história. Essa pedagogia propõe uma reflexão crítica sobre a realidade, capacitando os indivíduos a agir e transformar seu entorno.

A partir das teorias e exposições arroladas ao longo deste artigo observa-se que no texto 1, a dupla de alunos autores descrevem a cena apresentada partindo do seu conhecimento de mundo, em meio às atividades rotineiras e aos sentimentos que, com base em suas experiências de vida e condutas pessoais são analisadas e refletidas. Percebe-se uma introspecção dos autores, uma busca por justificar a atitude de cada personagem, afetando e interferindo na solução para uma situação de desamparo social e de marginalização da pessoa em condição de abandono.

No texto 2, os alunos autores partem também das situações do dia a dia, da rotina social para apresentar os personagens que descrevem, porém, há neste texto uma palavra que nos “provoca”. A palavra *desprezo* é apontada como nome dado à atitude das pessoas que passavam em frente aos protagonistas da cena. Observa-se que a essa palavra, acrescenta-se outras como o substantivo *pena* e o verbo *desviavam* para compor um quadro percebido pelos autores como de discriminação e repulsa.

Em síntese, as discussões e contribuições fundamentadas nas obras de Fanon (1968), Quijano (2005), Freire (1987) e Walsh (2009) e em diferentes epistemologias que se concentram nas práticas educativas decoloniais convergem na defesa de uma educação centrada no

sujeito, seu papel no mundo, e no direito de ser ouvido e considerado nos diversos setores da sociedade.

Reafirmamos assim que as práticas de educação decolonial devem promover o debate, a reflexão e a transformação de paradigmas, incentivando uma consciência cidadã que valorize o outro como ser humano, independentemente de sua origem, condição social, econômica ou de qualquer outra marca imposta por perspectivas eurocêntricas.

### **3.2.2 Projeto Conectando Gerações**

Para análise do projeto Conectando Gerações, partimos de três perspectivas, dentre tantas outras possíveis, que acreditamos que uma educação decolonial deve privilegiar. Primeiro, deve promover atividades e interações com os estudantes que leve-os, como nos propõe Aníbal Quijano (2005), a compreender a existência de padrões de poder de modo a desafiá-los. Segundo, que reconheça, valorize e promova os conhecimentos, histórias e práticas culturais de diferentes comunidades como enfatizado por Paulo Freire (2004). Terceiro e seguindo as reflexões de Carl Ransom Rogers e Gerald Milton Kinget (1977), que possibilite o pensamento crítico e a compreensão dos estudantes enquanto agentes ativos no processo de mudança na sociedade.

Por meio de aplicação de questionário de perguntas objetivas e estruturadas e análise dos dados coletados, foi possível observar que o número de estudantes que possui familiares com curso superior nas famílias é pequeno. Os dados dos ex-estudantes, apontaram que esse número é menor ainda. Muitos deles foram os primeiros na família a

cursarem o ensino superior. Os números sobre conclusão do ensino médio também apresentaram baixos índices, tendo predominado entre os respondentes, pais que fizeram o ensino fundamental, em muitos casos, incompleto.

Esses resultados permitiram uma reflexão sobre quais condições transformam a continuidade aos estudos um desafio e em que medida realidades diferentes se constituem em oportunidades diferentes e ocupação de espaços de poder de forma tão desigual. Essa reflexão nos remete ao primeiro ponto da educação decolonial apregoado por Quijano.

A visita de estudantes que não cursaram o ensino superior foi muito importante para os jovens, pois apresentaram outras possibilidades de ingresso no mercado de trabalho e de progressão profissional e permitiram refletir sobre os desafios e as potencialidades daqueles que tiveram como caminho a atuação como empreendedores, funcionários em empresas privadas, artistas e no mundo dos concursos públicos.

O fato de não cursarem a universidade não foi fator limitador desses estudantes que, a partir de suas experiências e saberes desenvolvidos no dia a dia, criaram as suas próprias oportunidades. Ao valorizar essas experiências, tocamos no segundo ponto da educação decolonial ancorado em Freire.

É possível apontar que, a partir do projeto, os estudantes passaram a encarar a vida pós educação básica de forma mais realista e consciente. Os registros no Diário de Bordo, realizados mensalmente após os encontros, revelaram um aumento no interesse pela continuidade dos estudos e pela exploração de outras possibilidades profissionais.

Além disso, foi possível um maior conhecimento sobre trâmites relacionados à entrada nas universidades e sobre programas de permanência por meio de auxílios para alimentação, moradia, vestibular seriado (PAS), realizado na Universidade Federal de Lavras, ENEM, Prouni, Fies e bolsas de iniciação científica. O terceiro ponto da educação decolonial pode ser observado nas palavras de uma estudante:

O projeto contribuiu muito para a minha visão sobre o mercado de trabalho, além de ter ampliado meu conhecimento sobre as minhas opções depois da conclusão do Ensino Médio. Fez com que eu enxergasse a possibilidade de me formar em uma faculdade, algo que antes eu não acreditava ser possível. Forneceu informações valiosas sobre as cotas presentes dentro da faculdade, porque antes meu conhecimento sobre o assunto era limitado. Os depoimentos em geral também causaram um grande impacto na minha concepção sobre a vida escolar depois do 9º ano. (M.S.O)

O projeto permitiu compreender que, para os estudantes, ouvir as experiências de jovens que cresceram na mesma comunidade, com os quais se cruzam diariamente nas ruas, e saber que trilharam caminhos semelhantes aos seus, superando as expectativas duvidosas para seguir seus sonhos, permite vislumbrar novas perspectivas e fortalece a crença de que é possível traçar novos caminhos.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O ambiente de escuta e fala desperta potencialidades nos estudantes, que se reconhecem não apenas como meros receptores do conhecimento dominante, como na herança colonizadora da educação tradicional. Ouvir e falar abre espaço à produção decolonial do conhecimento. Essas atividades proporcionam reflexão e

aprendizagens, não se limitando à práticas educativas engessadas que pretendem reforçar atitudes preconceituosas e cercear o saber.

Tendo em vista que é necessária a mudança de paradigma, é preciso pensar e agir na educação com os olhos voltados para as práticas decoloniais e suas potencialidades para a produção de novos conhecimentos e inclusão dos mais diversos grupos sociais.

Para concluir, as práticas educacionais analisadas neste artigo evidenciam a relevância de estratégias pedagógicas que promovem o pensamento crítico e a valorização de narrativas marginalizadas. A produção de crônicas a partir de imagens do cotidiano, que expõem as mazelas sociais, e os encontros com ex-alunos, que discutem os desafios enfrentados após a escola, não apenas ampliam a compreensão dos estudantes sobre as realidades que os cercam, mas também fortalecem sua capacidade de refletir sobre sua própria posição no mundo.

Essas abordagens sublinham a necessidade de uma educação que vá além dos conteúdos tradicionais, engajando os alunos em processos de aprendizagem que contribuem para a construção de uma sociedade mais justa, consciente de suas diversidades e com maior potencial de promover a mudança.

## REFERÊNCIAS

BERNARDINO-COSTA, J.; GROSGOUEL, R. Decolonialidade e perspectiva negra. **Sociedade e Estado**, v. 31, n. 1, p. 15-24, 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/se/v31n1/0102-6992-se-31-01-00015.pdf>. Acesso em: 29 ago. 2024.

DÍAZ, V. **Liderança escolar dialógica: um estudo de caso em escolas da Região Metropolitana**. Orientador: Juan Mansilla Sepúlveda (2012-2017). Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Pedagogia,

Universidad Academia de Humanismo Cristiano (UAHC), Santiago, Chile, 2020.

BORDA, O. F. Ciencia propia y colonialismo intelectual. **Anuario de Sociología de los Pueblos Ibéricos: De la Asociación de Sociólogos de Lengua Española y Portuguesa**, n. 4, p. 47-70, 1968.

FANON, F. **Os condenados da terra**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

GOMES, N. L. Relações étnico-raciais, educação e descolonização dos currículos. **Currículo sem Fronteiras**, v. 12, n. 1, p. 98-109, jan.-abr., 2012.

QUIJANO, A. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, E (ed). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais**. Buenos Aires: Clacso, 2005. p. 117-142.

ROGERS, C. R.; KINGET, G. M. **Psicoterapia e Relações Humanas**. v.1. Belo Horizonte: Interlivros, 1977.

WALSH, C. Interculturalidade Crítica e Pedagogia Decolonial: In-surgir, re-existir e re-viver. In CANDAU, V.M (ed). **Educação intercultural na América Latina: Entre concepções, tensões e propostas**. Rio de Janeiro: 7 letras, 2009. p 12-42.

WALSH, C.; OLIVEIRA, L. F.; CANDAU, V. M. Colonialidade e pedagogia decolonial: Para pensar uma educação outra. **Arquivos Analíticos de Políticas Educativas**, v. 26, n. 83, 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.14507/epaa.26.3874> Acesso em: 10 de jul. 2024.

WALSH, C. E. Pedagogías decoloniales caminando y preguntando: notas a Paulo Freire desde Abya Yala. **Entramados: educación y sociedad**, n. 1, p. 17-30, 2014. Disponível em: <http://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5251817> Acesso em: 13 de ago. 2024.

Esta publicação deverá ser citada da seguinte forma:

PAULA, C. D. G.; SOARES, V. de R.; EVANGELISTA, F. Educação Decolonial: práticas pedagógicas possíveis no cotidiano escolar. **Revista DisSol – Discurso, Sociedade e Linguagem**, Pouso Alegre/MG, ano 9, n.º 22, jul-dez/2024, p. 149-171.